

Orações adjetivas e os seus matizes circunstanciais e discursivos: um acessório (in)dispensável?

Oraciones adjetivas y sus matices circunstanciales y discursivos:
¿Un accesorio (in)dispensable?

 Camila Beatriz Balbino dos Santos

 Marta Anaísa Bezerra Ramos

Resumo: Esta pesquisa tem como objeto de estudo orações subordinadas adjetivas em dois gêneros discursivos, o artigo de opinião e a reportagem. Essas orações têm sido alvo de estudos linguísticos sob diversas perspectivas, o que se deve principalmente à superficial separação dicotômica em orações adjetivas restritivas e explicativas, feita tradicionalmente. À luz do Funcionalismo Nor- te-americano, buscamos identificar os possíveis valores circunstanciais expres- sos pelas orações adjetivas e a contribuição discursiva dessas nuances nos dois gêneros escolhidos. Metodologicamente, este trabalho é de natureza descritivo- -interpretativista e documental. O *corpus* é composto de 30 artigos de opinião e 15 reportagens, veiculados de 2022 a 2024 nas revistas Veja e IstoÉ. Como resultados, observamos que a trama descritiva da reportagem se mostrou mais propensa ao uso de orações explicativas; quanto aos matizes expressos pelas ad-

Camila Beatriz Balbino dos Santos. Mestranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB); camilabeatriz.balbino@gmail.com

Marta Anaísa Bezerra Ramos. Profa. doutora em Linguística; Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); marta.ramos@servidor.uepb.edu.br

jetivas, constatamos os valores circunstanciais de causa, consequência, finalidade, contraste e condição, sendo o matiz causal o mais recorrente.

Palavras-chave: Funcionalismo. Gêneros discursivos. Orações adjetivas. Valores circunstanciais.

Resumen: Esta investigación analiza las oraciones subordinadas adjetivas en dos géneros discursivos: el artículo de opinión y el reportaje. A menudo tratadas desde una dicotomía tradicional entre restrictivas y explicativas, estas oraciones se abordan aquí bajo la perspectiva del Funcionalismo Norte-americano, con énfasis en los valores circunstanciales que expresan y su papel discursivo. El estudio es de naturaleza descriptivo-interpretativa y documental, basado en un *corpus* compuesto por 30 artículos de opinión y 15 reportajes publicados entre 2022 y 2024 en las revistas *Veja* e *IstoÉ*. Los resultados indican que los reportajes tienden más al uso de oraciones explicativas. En cuanto a los matices circunstanciales identificados, se destacan los de causa, consecuencia, finalidad, contraste y condición, siendo el valor causal el más frecuente.

Palabras clave: Funcionalismo. Géneros discursivos. Oraaciones adjetivas. Valores circunstanciales.

Introdução

As orações relativas são parte de uma estratégia universal chamada relativização, em que uma matriz proposicional, pelo processo de transposição, passa ser termo de outra; ou seja, o pronome relativo habilita a oração a assumir a função de modificador de um sintagma nominal (SN). Essas orações têm sido alvo de estudos linguísticos sob diversas perspectivas, o que se deve principalmente ao tratamento superficial dado pela gramática tradicional (GT) ao tema.

Sob o aspecto formal, a função de adjunto adnominal é a característica apontada pelas gramáticas tradicionais: “as orações subordinadas

adjetivas vêm normalmente introduzidas por um pronome relativo, e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente” (Cunha e Cintra, 2017, p. 615). Posição que não difere da de Rocha Lima (2011), entre outros. Sob o âmbito da semântica, distinguem-se as orações adjetivas restritivas das explicativas. Conforme os gramáticos, a relevância da primeira categoria está em delimitar o universo de referência do sintagma a que se refere, enquanto na segunda categoria sobressai a função comunicativa, pois traz informação que esclarece ou qualifica o antecedente.

Conforme Oliveira (2001), a separação dicotômica entre adjetivas restritivas e explicativas, feita tradicionalmente, é pouco satisfatória para explicar a complexidade dessas estruturas. De fato, são poucas as gramáticas que discutem os efeitos discursivos gerados pelo uso dessas estruturas, embora a não indispensabilidade da oração explicativa seja normalmente destacada¹. Em face dessas limitações, as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas das orações adjetivas tornam-se um campo frutífero para discussão por gramáticos que assumem uma postura mais descritiva, a exemplo de Azeredo (2021) e Castilho (2022), que destacam a proximidade entre essas orações e as adverbiais, não apenas quanto ao traço da adjunção, mas aos valores semânticos e discursivos adicionais expressos elas, tema de interesse neste estudo.

Sob a perspectiva funcionalista, gramática e o discurso estão interligados (Furtado da Cunha, 2020); logo, os fatos linguísticos são motivados, ou influenciados por fatores por fatores cognitivos e comunicativos/discursivos.

1. Ressalte-se que, para Bechara (2019), as explicativas constituem um apêndice retirável sem prejuízo da mensagem, informação que provoca uma confusão, pois apenas do ponto de vista sintático a dispensabilidade da oração adjetiva é possível. Sua ausência interfere na construção do sentido do texto, uma vez que ela contribui não só para a informatividade, mas para a argumentatividade do texto.

Partindo desse princípio, tomamos como objeto de investigação desta pesquisa as orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas presentes em textos da esfera midiática coletados nos periódicos *Veja* e *IstoÉ*. O estudo é guiado pelos objetivos de identificar os múltiplos valores circunstanciais expressos por esses padrões estruturais e demonstrar a contribuição dessas estruturas para o direcionamento do sentido nos gêneros discursivos de trama argumentativa.

A amostra de dados selecionados para análise é constituída de 451 ocorrências de orações, extraídas de 45 textos: 30 artigos de opinião e 15 reportagens provenientes distribuídos igualmente por periódico², entre os anos de 2022 e 2024. Adotamos, pois, a perspectiva de que a linguagem é uma atividade sociocultural e os fenômenos linguísticos manifestam-se através dos gêneros; é neles, pois, que devem ser analisados; ou seja, em contextos de uso real.

Sendo assim, nossa pesquisa é de natureza quantitativa e qualitativa e ainda descritivo-interpretativista, pois, além de observar a frequência das ocorrências por gêneros, busca refletir sobre as motivações dos usos, apoiando-se na consulta em gramáticas entre outras fontes teóricas: Mira Mateus *et al* (1983), Neves (2011) Azeredo (2021), Castilho (2022), Decat (1999) Oliveira (2001). Além disso, tem caráter documental, visto que o nosso *corpus* é composto por textos midiáticos ainda não analisados, os quais trataremos como documento.

Somam-se a esta introdução três seções: uma destinada aos pressupostos teóricos, outra dedicada à discussão dos dados sob análise e, em seguida, as considerações finais.

2. A escolha dos textos foi feita de forma aleatória. Convém esclarecer que tentamos fazer uma equiparação na quantidade de textos por gênero, razão de selecionarmos menos reportagens (8 da revista *Veja* e 7 da *IstoÉ*), por ser um texto de maior extensão em relação aos artigos.

A conexão oracional sob o olhar da tradição gramatical

A gramática tradicional trata da articulação entre orações no tópico sobre período composto e reconhece dois processos sintáticos de construção dos períodos: coordenação e subordinação - dicotomia que se revela ainda insuficiente para uma abordagem ampla do processo de conexão oracional, dadas as especificidades das estruturas justapostas, correlatas e parentéticas, cujas funções discursivas são pouco exploradas.

Diante dessa lacuna, a abordagem funcionalista recorre ao critério do *continuum* de vinculação oracional para tratar da gramaticalização de orações, por entender que há diferentes graus de integração sintática na combinação das estruturas oracionais. Assim, em vez de apenas dois processos de articulação, haveria um nível intermediário, resultando em processos: parataxe, hipotaxe e subordinação.

Sob o foco da tradição gramatical, denomina-se composto o período formado por mais de uma oração e a distinção entre coordenação e subordinação fundamenta-se no critério de dependência e independência e sintática. Conforme Rocha Lima (2011), há *coordenação* quando orações absolutas ou de mesma natureza sintática são sequenciadas no período, não existindo, portanto, uma relação de hierarquia. Nesse sentido, a *coordenação* se estabelece por meio da “[...] comunicação de um pensamento em sua integridade, pela sucessão de orações gramaticalmente independentes [...]” (Rocha Lima, 2011, p. 321-324).

E há *subordinação*, quando a relação entre orações é de dependência, pois a uma oração principal se vincula a outra ou outras, que são dependentes

[...] porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal. [...] Se as orações subordinadas representam desdobramentos dos vários termos da oração principal, é evidente

que figurarão ora com funções próprias do substantivo, ora com funções próprias do adjetivo, ora com funções próprias do advérbio (Rocha Lima, 2011, p. 321-324).

Do ponto de vista da classificação, as coordenadas subclassificam-se em assindéticas, quando estão justapostas; e sindéticas, se há um conector para ligar as orações, definindo o sentido, de modo que as coordenadas sindéticas podem ser *aditivas*, *adversativas*, *alternativas*, *conclusivas* e *explicativas*.

As orações subordinadas ocupam lugar de termo sintático na oração chamada principal, sendo a subclassificação oracional determinada em correlação com a função *argumental* ou *não-argumental* exercida pela subordinada – as substantivas compõem o primeiro grupo e as adjetivas e adverbiais, o segundo, em analogia às funções assumidas por substantivo, adjetivo e advérbio. As substantivas subdividem-se em conformidade ao papel que exercem (sujeito, objeto direto etc.) ao serem exigidas por nomes ou por verbos. Quanto à subclassificação semântica das adjetivas, distinguem-se adjetivas e restritivas; no caso das adverbiais, do mesmo modo que ocorre com as coordenadas, os diversos matizes semânticos assumidos por essas orações são determinados pelo elemento que as introduz: adverbial temporal, se a oração é introduzida por “quando”; causal, se introduzida por “porque”, etc.

Bechara trata da conexão oracional no tópico “Oração complexa”³. Este autor explica que coordenadas são orações que estão na mesma

3. Essa nomenclatura é empregada por autores cuja abordagem é mais descritiva, a exemplo de Perini (1996), Neves (2000), Castilho (2022). Por oração complexa Perini (1996, p. 124) entende aquela que “[...] contém dentro de seus limites pelo menos uma outra”, o que se explica pelo princípio de recursividade, comum às línguas naturais, que consiste na possibilidade de criar um número ilimitado de sentenças, colocando-se estruturas dentro de outras estruturas de mesma classe. Para o autor, o período formado pelo processo de coordenação também é complexo, pois toda coordenação envolve uma subordinação, já que as orações coordenadas ocupam função de membros de coordenação da oração complexa.

camada gramatical e podem aparecer separadamente, nesse caso, é justificável a expressão “período composto”. O gramático utiliza a denominação *grupos oracionais* em referência não só as estruturas coordenadas sindéticas, mas também as justapostas, que são orações encadeadas sem a presença de conector ou transpositor, apenas sequenciadas, geralmente, ditas com pausa melódica, assinalada na escrita por vírgula, ponto e vírgula ou dois pontos.

O autor menciona a proximidade entre as orações justapostas e coordenadas, por sua independência sintática e forte vínculo semântico; sendo a função discursiva um diferencial, pois o efeito para o discurso varia,

ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos manifesta lentidão (Bechara, 2019. p. 503).

Nesse sentido, a justaposição é um mecanismo que traz contribuições no campo pragmático-discursivo. Estão acomodadas neste grupo estruturas designadas na GT de *coordenadas distributivas*, por apresentarem pares de conectores combinados para manifestar reiteração anafórica, a exemplo de ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, seja...seja, “que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais” (Bechara, 2019, 503). A presença de dois nexos, um em cada oração leva outros autores a se referirem a esse tipo de processo como sendo a *correlação*, que pode se revelar em estruturas coordenadas ou subordinadas (Luft, 2001; Kury, 2002; Rocha Lima, 2011; Cunha e Cintra, 2017). Oiticica (1952) e Castilho (2022) de outro modo, consideram a correlação um processo de articulação oracional à parte.

Sobre a subordinação, Bechara (2019, p. 486, grifo nosso) a define como um fenômeno de estruturação de camadas, em que uma unidade, ou oração

[...] que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em *A noite chegou*, pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por hipotaxe ou subordinação, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade; O caçador percebeu *que a noite chegou*.

Dessa forma, a oração *A noite chegou*, que tem independência sintática, ao juntar-se à conjunção integrante “que” e integrar o predicado da matriz *O caçador percebeu*, comporta-se como termo sintático, função que poderia ser desempenhada por um substantivo. Bechara (2019) concebe que o único critério para compreender essas estruturas como orações é a presença do núcleo verbal, já que não atendem às seguintes características: “a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico; b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta” (Bechara, 2019, p. 487).

Embora ligado à tradição gramatical, Bechara (2019) mostra-se inovador ao tratar das orações intercaladas, categoria posta como parte da justaposição. Essas orações aparecem separadas do conjunto por pausa, na escrita, representada por vírgula, travessão ou parênteses como um meio de enfatizar uma informação. Elas servem aos seguintes propósitos discursivos:

1) citação: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

Dê-me água, me pediu o rapaz.

Quem é ele? – interrompeu a jovem.

2) advertência: esclarece um ponto que o falante julga necessário:
Em 1945 – isto aconteceu no dia de meu aniversário –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) opinião: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:
D. Benta (malvada é que era) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.

“Comíamos, é verdade, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces” [MA.1, 198]. [...]. (Bechara, 2019, 504)

Outras denominações são empregadas em referência a esse padrão oracional: “orações parentéticas”, Garcia (2010, 143) e “orações textualmente articuladas sem vínculo sintático⁴”, Azeredo (2021, p. 298). São estruturas oracionais que cumprem, portanto, propósitos comunicativos pragmáticos.

Essa classificação bilateral proposta pela tradição com base no critério de dependência ou independência sintática e regida também pelo tipo elemento de conexão é julgada ineficiente por Decat (1999), seja porque esses dois processos não explicam todos os tipos de estruturas linguísticas, a exemplo das correlatas e justapostas, seja porque as relações semânticas não são determinadas unicamente pelo conector, já que entre orações justapostas⁵ é possível depreender sentido, apesar da ausência de conector.

4. Diferentes funções discursivas são expressas por essas construções: na narrativa, serve para denunciar a coexistência de vozes - o discurso do personagem e o do narrador; na exposição em geral, serve para explicitar a autoria de um fragmento e a de unir uma informação fundamental e outra subsidiária a título de comentário ou ressalva, como ilustram os enunciados: “Para o empregador moderno – *assinala um sociólogo norte-americano* – o empregado não passa de um simples número”; “... ofereci-lhe o cachecol que o pintor Carybé comprou para mim em Buenos Aires, onde – *isso me ocorreu na ocasião* – um cachecol tem nome bem pitoresco de bufanda ...” (Azeredo, 2021, p. 328).

5. Particularmente sobre as orações parentéticas, esse tipo de fenômeno sintático também se manifesta por meio das adjetivas ditas desgarradas, que normalmente cumprem funções textual-discursivas de avaliação e adendo.

No tópico seguinte, prosseguimos a discussão, expondo as contribuições da corrente funcionalista para a compreensão dos processos de conexão oracional.

A conexão oracional sob a visão funcionalista

Sob o enfoque funcionalista, autores como Hopper e Traugott (1993) advogam que a articulação entre as orações envolve diferentes graus de vinculação, de modo que não há dois grupos discretos de orações (coordenadas e subordinadas), mas um *continuum* em que as orações são distribuídas em três eixos: o da parataxe, o da hipotaxe e o da subordinação.

Paratáticas⁶ são as estruturas que têm uma independência relativa. São orações de mesmo estatuto, que, embora unidas por conector, são mais “frouxas” do ponto de vista sintático. Hipotáticas são estruturas que, apesar de dependentes, não têm um vínculo sintático tão forte com a matriz, como as substantivas e adjetivas restritivas, que são encaixadas e, portanto, subordinadas. A mobilidade das adverbiais, consideradas marginais ou satélites, e a dispensabilidade sintática das adjetivas explicativas confirmam a baixa integração e a dispensabilidade sintática. Compõem o primeiro grupo, não só as orações coordenadas, mas também as orações justapostas, que se diferenciam daquelas pela ausência de conector; estando no segundo grupo as orações chamadas tradicionalmente de adjetivas explicativas e as adverbiais.

Em síntese, as orações coordenadas se caracterizam pelos traços [- dependência] e [- encaixamento]; as substantivas e adjetivas restri-

6. De acordo com Duarte (2003), a coesão interfrásica pode ser estabelecida pelos processos de parataxe e de hipotaxe. A autora adverte que a parataxe não deve ser tomada como sinônimo de coordenação. A parataxe abriga as orações coordenadas, as parentéticas, as interrogativas *tag* e os pares pergunta/resposta. A hipotaxe, para a autora, equivale à subordinação.

tivas pelos traços [+ dependência] e [+ encaixamento], são as subordinadas de fato; e as adjetivas explicativas e adverbiais estão na posição intermediária do *continuum*, caracterizando-se pelos traços [+ dependência] e [- encaixamento];

Diante disso, percebe-se que no grupo das adjetivas há estruturas com comportamentos sintáticos diferentes: as restritivas, devido ao vínculo mais forte com a cláusula antecedente, se aproximam das completivas ou substantivas; enquanto as explicativas estão mais próximas das adverbiais.

Conforme Neves (2001), a tradição, ao tratar dos enunciados complexos, se fixa na sintaxe de superfície, ou no nível puramente oracional. Entretanto, os estudos de base funcionalista seguem outra direção, considerando, nas explicações outros critérios, como será mostrado na sequência.

Hopper e Traugott (1993), Halliday (1985) e Matthiessen e Thompson (1988) adotam cada qual critérios específicos, mas dois pontos são convergentes: a adoção da noção de *continuum* estrutural, e a não equiparação entre parataxe e coordenação; e hipotaxe e subordinação.

Halliday (1985) considera como critérios para análise das sentenças complexas dois eixos: o sistema tático e o sistema lógico-semântico. O eixo tático está relacionado à interdependência de elementos. Nesse caso, distinguem-se parataxe e hipotaxe: a parataxe engloba a relação entre elementos de igual estatuto, as sentenças são livres; nesse grupo estão as sentenças complexas coordenadas, justapostas, a aposição e as citações (discurso direto e indiretos livres); quanto à hipotaxe, diz respeito à relação entre elementos de estatuto diferente, há a dominação de uma oração sobre a outra; fazem parte desse as estruturas relativas não-restritivas (adjetivas explicativas), o discurso indireto e as cláusulas circunstanciais.

O eixo do sistema lógico-semântico compreende as relações sistêmico-funcionais que se estabelecem por meio das relações de expansão e projeção⁷. As relações de elaboração, extensão e realce são contempladas no primeiro grupo. Alvo de interesse deste trabalho, a relação de *elaboração* proporciona a organização textual por meio do acréscimo de informações e pode ser estabelecida pelo uso de orações relativas não-restritivas.

Matthiessen e Thompson (1988) expandem o modelo proposto por Halliday, ao integrarem ao estudo das proposições as motivações pragmáticas e discursivas. Os autores defendem que a avaliação do grau de interdependência entre orações não se restringe à análise de sua estrutura interna, haja vista que envolve também as funções que desempenham no discurso. No que diz respeito às orações adverbiais⁸, os autores afirmam que a combinação entre elas reflete a organização discursiva; Carvalho (2004, p. 14) explica essa organização da seguinte forma: “[...] diferentes tipos de relações retóricas que se processam nos textos em geral se atualizam através de diferentes processos de vinculação de orações.” A relação retórica pode se estabelecer entre qualquer porção textual, essa relação pode ser dividida em dois tipos – de listagem (parataxe) e de núcleo-satélite (hipotaxe). Na hipotaxe, uma informação pode ser considerada central, enquanto outra atua como suporte para essa ideia principal. No tópico seguinte, dedicamo-nos à descrição das orações adjetivas.

7. A projeção, de acordo com Neves (2006, p. 228), ocorre quando “[...]uma oração se projeta sobre a outra, funcionando como representação da própria representação linguística”. Essa relação é estabelecida pelo discurso direto, na parataxe, e pelo discurso indireto, na hipotaxe. Além disso, pode expressar uma locução, construções de palavras, ou uma ideia, construções de significado. Esse tipo de construção não será discutido neste trabalho

8. A menção recorrente que fazemos à categoria das adverbiais se justifica pela proximidade que estamos buscando demonstrar entre elas e as adjetivas, nos planos formal e semântico.

Orações adjetivas sob o enfoque de gramáticos normativos e descritivos

A caracterização das orações adjetivas nas gramáticas é de natureza mais formal. Consoante Rocha Lima (2011), essas orações, tais quais os adjetivos, funcionam como adjuntos adnominais, que modificam qualquer termo da oração precedente de núcleo substantivo ou equivalente. Ele explica que as orações adjetivas constituem modificadores complexos, atribuindo ao antecedente a que se vinculam características que nem sempre um adjetivo léxico é capaz de representar.

Para fins de exemplificação, o autor cita duas frases: “a água é um líquido *que não tem cor*” e “dizei-me, águas mansas do rio, *para onde legais essa flor que no vosso espelho caiu*” (Rocha Lima, 2011, p. 333) e comenta ser possível substituir a oração adjetiva do primeiro período por um modificador adjetival simples – *incolor*; enquanto esse tipo de alternância não ocorre nas estruturas adjetivas do segundo período, embora as duas orações sejam adjetivas.

Outro traço formal das orações subordinadas adjetivas é ser introduzida por pronome relativo⁹. São exemplos de pronomes relativos: *que*, *o qual*, *cujo*, *quem*, *quanto*, *como*, *onde*. Alguns deles – *que*, *quem*, *quanto*, *como* e *onde* – podem aparecer sem antecedente exposto (Rocha Lima, 2011). Nessa circunstância, são relativos condensados, como se verifica no exemplo citado pelo autor “*Quem nasceu ao pé do mar talvez não perceba essas coisas*” (Rocha Lima, 2011, p. 338), em que se juntam em si as funções de termo da oração principal e termo da adjetiva. Sendo

9. Esse transpositor, diferente da conjunção integrante, tem uma multiplicidade de funções: além de habilitar uma oração à função de modificador, tem função anafórica e assume uma determinada função sintática na oração em que se encontra (Azeredo, 2021).

assim, a oração condensada *Quem nasceu ao pé do mar* apresenta-se como sujeito da principal e tem equivalência a “*aquele que nasceu ao pé do mar*”. Trata-se, segundo Bechara (2019), de uma estrutura derivada de uma oração originariamente adjetiva que teve seu referente omitido. Ou seja, uma adjetiva substantivada¹⁰, razão por que, para Bechara, essa construção permite duas análises: como oração *substantiva* subjetiva; e como *adjetiva sem antecedente expresso* - esta segunda análise convergente com a proposta de Rocha Lima (2011).

A partir de exemplos em que há o apagamento do referente da oração adjetiva, Mateus *et. al* (1983) constata as similitudes sintáticas de orações adjetivas e adverbiais, como demonstram alguns padrões apresentados pelas autoras:

1.No tempo *em que eu vivi aqui* fui feliz.

1'. *Quando/enquanto eu vivi aqui*, fui feliz.

2.Aprecio o modo *como te vestes*./

2'. Aprecio *como te vestes*.

3.Ele procedeu do modo *que esperávamos*. Ou:

3.Ele procedeu do modo *como esperávamos*.

3'. Ele procedeu *como esperávamos*. (Mateus *et. al*, 1983, p. 455, grifo nosso).

Percebemos que as primeiras orações, nos pares de frases ilustrados, são tipicamente adjetivas, delimitando o antecedente. As estruturas equivalentes em (1') e (3') são de natureza adverbial, expressando tempo e modo, respectivamente; e a estrutura em (2'), de natureza substantiva. Além disso, do ponto de vista semântico, as paráfrases sob a forma adverbial preservam o traço restritivo da oração de base.

10. Castilho (2022) denomina esse tipo de estrutura de adjetiva livre.

Sob o ponto de vista semântico, diferenciam-se dois tipos de adjetivas: as restritivas e as explicativas. Apresentamos, nos quadros 2 e 3 a seguir, as características de cada categoria em gramáticas normativas e descritivas (os grifos são de nossa responsabilidade):

Quadro 1 – Definições de orações restritivas em gramáticas diversas

Autores	Definições
Rocha Lima (2011, p. 337, grifo nosso)	Delimita o antecedente, com o qual forma um todo significativo, em razão disso não pode ser suprimida.
Cunha e Cintra (2017, p. 618, grifo nosso)	Restringe, limita , precisa a significação do substantivo (ou pronome) antecedente.
Bechara (2019, p. 490, grifo nosso)	Oração proferida sem pausa, responsável por recortar o referente .
Neves (2011, p. 375, grifo nosso)	A informação introduzida serve para identificar um subconjunto dentro do conjunto .
Azeredo (2021, p. 348-350, grifo nosso)	As orações cujo conteúdo é relevante para a identificação da entidade, ser ou objeto a que se refere o antecedente do pronome relativo chamam-se restritivas.
Castilho (2022, p. 370, grifo nosso)	Quando especificam o sentido do sintagma nominal em que estão encaixadas, agregando alguma informação relevante .

Fonte: elaboração própria (2024)

Ao analisar as seis definições, percebemos que o traço “delimitação do referente” é recorrente, como demonstram os verbos em destaque nas três primeiras definições, propriedade também apontada na última como revela o verbo “especificar”. Bechara (2019) menciona a ausência de evento de pausa na oração restritiva, representado comumente pela vírgula. Isso reforça o forte vínculo com o antecedente,

propriedade enfatizada por Rocha Lima (2011), ao afirmar que a oração não pode ser suprimida.

A relevância do conteúdo da oração restritiva para a identificação do referente é outra propriedade reforçada nas três últimas definições. A respeito da função especificadora das restritivas, Azeredo (2021) e Duarte (2003) convergem, ao acrescentarem a informação de que essas orações tendem a não acompanhar nomes próprios¹¹, haja vista que eles são sintagmas referentes a entidades individuais, logo já são precisos.

Para fins de comparação, vejamos as definições das adjetivas explicativas nas mesmas gramáticas:

Quadro 2 – Definições de orações explicativas em gramáticas diversas

Autores	Definições
Rocha Lima (2011, p. 337, grifo nosso)	É o termo adicional, que encerra simples esclarecimento ou pormenor do antecedente - não indispensável para a compreensão do conjunto.
Cunha e Cintra (2017, p. 618, grifo nosso)	Acrescenta ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarece melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não é indispensável ao sentido essencial da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por uma vírgula.
Bechara (2019, p. 490, grifo nosso)	Alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo da mensagem. Na língua falada, é marcada por pausa e vírgula na escrita.

11. Azeredo (2021) faz uma ressalva a respeito do uso de uma expressão restritiva em contexto de ocorrência de nome próprio; nessa situação não se toma o nome próprio em totalidade, como se verifica no período: “o Rio de Janeiro que mostraram ao papa era uma terra de paz” (Azeredo, 2021, p. 350), em que a oração adjetiva restritiva se ancora ao nome próprio com o objetivo de fazer uma distinção entre o Rio apresentado ao papa e o Rio conhecido pela população.

Neves (2011, p. 375)	A informação introduzida é suplementar, não servindo para identificar nenhum subconjunto dentro do conjunto.
Azeredo (2021, p. 348-350)	Quando, entretanto, o conteúdo da oração não contribui para a identificação, dizemos que a oração adjetiva é não restritiva (ou explicativa).
Castilho (2022, p. 370)	Quando operam como um aposto do sintagma nominal.

Fonte: elaboração própria (2024)

Todas as definições apresentam um traço comum às orações explicativas – a de acrescentar uma informação não necessária para a identificação do referente, ainda que tenha uma importância no processo comunicativo, além de serem marcadas pelo evento de pausa tanto na fala quanto na escrita.

A indispensabilidade para a compreensão da frase é destacada por Cunha e Cintra (2017), Rocha Lima (2011), e ainda por Bechara (2019). Por outro lado, Bechara (2019) afirma não ser prejudicial a ausência dessa oração para a mensagem, o que se justificaria pelo fato de a adjetiva explicativa não modificar a referência do antecedente. Através da comparação de duas orações, Bechara (2019, p. 491) diferencia a motivação do emprego das adjetivas: “*O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja*” e “*O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja*”. Na primeira frase, a interpretação é de que havia mais de um homem no cenário, mas só um deles parou defronte da igreja, por isso o uso da oração restritiva “recortando” o referente; na segunda, a interpretação é de que só pode haver um homem, e este parou defronte da igreja, por isso, a adjetiva vem isolada e pode ser dispensada.

Em linhas gerais, os conceitos apresentados nas gramáticas normativas e descritivas se aproximam, por diferenciarem as orações com

base na função semântica – uma delimita, e a outra explica, logo tem função apositiva¹². Mas, como mencionado, na introdução, os valores semânticos das adjetivas vão além dessas noções – delimitação/determinação e explicação/aposição. Os valores circunstanciais das adjetivas são um traço que as aproxima semanticamente das orações adverbiais, mas que é pouco abordado nas gramáticas. Observemos os valores adicionais das adjetivas, de acordo com Azeredo (2021):

a) com valor **concessivo**:

“Coitada de minha avó. (...) Logo ela, que amava tanto a vida, (...) ia morrer.” (NAVA, 1973: 75) (= embora: amasse tanto a vida)

b) com valor **condicional**:

Eles contratariam qualquer pessoa que lesse histórias para as crianças. (= desde que lesse histórias para as crianças)

c) com valor **final**:

Desde que publicou a obra, o autor reuniu material com que ampliasse a segunda edição. (= a fim de ampliar a segunda edição)

d) com valor **consecutivo**:

Cuidado para não fazer declarações que possam nos comprometer. (= (tais) que possam nos comprometer)

e) com valor **causal**:

Meu primo, que conhece bem esta cidade, pode nos servir de guia. (= já que conhece bem esta cidade). (Azeredo, 2021, p. 353, grifos nossos)

12. Mira Mateus *et al* (1983), Decat (2001) e Castilho (2022) optam por chamar as orações adjetivas explicativas de relativas apositivas. Essa postura é justificada pela semelhança das orações explicativas ao aposto, já que essas orações se apresentam juntas a nomes e atribuem características que esclarecem, exemplificam, comentam, mas não delimitam o referente.

O autor argumenta que, embora as orações “a” e “e” sejam explicativas, logo, não sirvam para identificar o referente, são relevantes do ponto de vista discursivo, podendo ser entendidas como “[...] respaldo para o conteúdo dos predicados que se seguem” (Azeredo, 2021, p. 353).

Em texto anterior, referindo-se à semelhança entre orações adjetivas e adverbiais, Azeredo (1997, p. 89) comenta que diversas orações adverbiais aparentam ser historicamente derivadas das adjetivas “[...] cujo transpositor se uniu ao antecedente numa locução de valor circunstancial”, fenômeno recorrente em construções oracionais comparativas e temporais¹³. Outros gramáticos também apontam essa característica: Castilho (2022) menciona as circunstâncias de finalidade e causa; e Mateus *et. al* (1983) explicam, primeiramente, que a construção relativa relaciona sintaticamente duas frases através da subordinação, fazendo da oração relativa um complemento da anterior (quando há antecedente) ou um constituinte da própria oração (quando não há antecedente). Se a construção antecedente/consequente for considerada de forma isolada, o vínculo semântico entre antecedente e oração relativa pode ser visto como uma relação de correferencialidade entre dois objetos, indivíduos ou espaços.

Mateus *et. al* (1983) citam ainda exemplos em que, ao nexo de correferencialidade, podem juntar-se as relações de: condição e consequência (*Quem vai ao mar perde o lugar.*); causa e efeito, considerando o relativo com um valor causal (Os homens, *que são seres sociais*, necessitam viver em comunidade.); entre o grau de qualidade e a consequência desse grau, assumindo o relativo um valor consecutivo (Tenho

13. Algumas perífrases que hoje introduzem orações adverbiais temporais e comparativas, como *ao mesmo tempo que*, *cada vez que*, *agora que*, *da mesma forma que*, parecem advir da fusão entre pronome relativo e antecedente. Trabalhos sobre a gramaticalização de transpositores adverbiais já foram realizados e Kortmann (1997) constata que, em línguas europeias, o pronome relativo é frequentemente gramaticalizado em transpositores adverbiais.

uma casa *que abriga muita gente.*); contraste (Este Pedro Madruga não passou no seu tempo de um dos muitos senhores feudais – ele, *que era bastardo*, conseguiu poder à custa de severos herdeiros). (Mateus *et. al*, 1983, p. 454). Na sequência, ilustramos esses aspectos, considerando os dados coletados para análise.

Contexto e sentido: explorando os usos de adjetivas em gêneros midiáticos

Como mencionado anteriormente, Mira Mateus *et al* (1983), Azeredo (2021) e Castilho (2022) apontam similaridades semânticas entre orações adjetivas e adverbiais. Não há uniformidade na indicação dos valores circunstancias adicionais das orações adjetivas, mas o valor de *causa* é consenso entre eles.

Na sequência, ilustramos cada um dos matizes contextuais, segundo a categorização proposta em Azeredo (2021) e, ao discutirmos os usos, sugerimos paráfrases, substituindo o pronome relativo, que tem função anafórica, por outro transpositor de valor adverbial, para melhor desenvolver a explanação.

Circunstância de causa

As ocorrências (1) e (2), a seguir, apresentam adjetivas restritivas; e (3) (4), explicativas:

- (1) A maioria dos funcionários é feita de pessoas abertas e razoáveis, dispostas ao diálogo. Mas quem dá o tom é o militante. Ele sabe esgrimir argumentos, formar comitês. E por nada desse mundo revisará seus bem consolidados pontos de vista. Ao contrário, ele terá certeza de que todos *que pensam de maneira di-*

ferente vivem em algum tipo de “erro”. E, como tal, precisam ser corrigidos. (**O Natal cancelado**- VJ- A- 15/12/2023)

(2) O cultivo de trigo já não teve o mesmo tipo. Para as próximas safras, a fertilidade dos solos ***que foram encharcados*** é uma grande interrogação para os agricultores. O desemprego também coloca em dúvida a capacidade de a economia se reerguer rapidamente. Em maio e junho, mais de 30 mil postos de trabalho foram cortados. (**Cem dias após as enchentes, a continuação do Rio Grande do Sul segue em ritmo lento** - VJ- R- 09/08/2024)

(3) Os membros da ABL prestaram imenso serviço ao dar-lhe a legitimidade da coroa de imortal. Esperamos que na sua posse ele (Krenak) use o fardão para demonstrar que o *establishment* ocidental o aceitou, mas não deixe de usar o cocar, ***que caracteriza sua visão do mundo e sua forma de fazer literatura***. (**Um imortal de cocar** - VJ- A- 13/10/2023)

(4) “A maior parcela dos professores bem formados acaba sendo absorvida pelas instituições privadas, ***que oferecem melhores salários e condições de trabalho em comparação às da rede pública***”, considera (Ithalo Francisco Curcio). (**Sem fazer a lição de casa** - IE- R- 17/08/ 2023)

A transformação das adjetivas restritivas em adverbial permite constatar a relação de causa e efeito entre a adjetiva e a informação veiculada pela oração principal. Para melhor visualização do fenômeno, observemos as paráfrases de (1) e (2):

1’ Ele terá certeza de que todos vivem em algum tipo de “erro” ***porque*** *pensam de maneira diferente*.

2’ ***Como*** *os solos foram encharcados*, a fertilidade (deles) é uma grande interrogação para os agricultores.

Por se tratar de orações restritivas, há uma dificuldade em se fazer a paráfrase sem que o sentido geral seja alterado, principalmente em (1), que tem como referente da adjetiva um pronome genérico (todos). Assim, em (1), um texto que aborda a polarização de pensamentos, o fato de as pessoas pensarem diferente é o que motiva a ideia de que estão erradas. E, em (2), uma reportagem sobre enchentes, o alagamento dos solos é causa da incerteza dos agricultores. Observemos agora as paráfrases correspondentes às explicativas em (3) e (4):

3' Esperamos que na sua posse ele (Krenak) use o fardão para demonstrar que o establishment ocidental o aceitou, mas não deixe de usar o cocar, **porque** *(ele/o cocar) caracteriza sua visão do mundo e sua forma de fazer literatura.*_

4' A maior parcela dos professores bem formados acaba sendo absorvida pelas instituições privadas, **porque** *oferecem melhores salários e condições de trabalho em comparação às da rede pública*”

Nas orações explicativas, a relação de causa e efeito é ainda mais nítida e a paráfrase ainda mais autorizada em virtude de as orações adverbiais e explicativas estarem no mesmo ponto do *continuum* de articulação oracional, a hipotaxe. Dessa forma, o referente da adjetiva não sofre alteração de sentido com a reescrita, pois a adjetiva não tinha função de delimitar, mas de realmente inserir a causa da oração principal. Diante disso, a inferência que se faz em (3) é de que caracterizar a visão de mundo é a razão pela qual Krenak deve usar o cocar; e em (4), de que a razão de os professores bem formados irem para o setor privado é a oferta de melhores salários.

Circunstância de consequência

A relação lógico-semântica apreendida da combinação das orações nos fragmentos de (5) a (7) é de resultado ou efeito. Isso pode ser visto quando reescrevemos as orações fazendo a permuta das adjetivas pelas adverbiais consecutivas ou até mesmo estruturas coordenadas, que também podem indicar o valor de causa-efeito. Vejamos os trechos de 5 a 7, seguidos das paráfrases correspondentes:

(5) O ChatGPT é uma plataforma baseada em linguagem natural **que** permite aos usuários conversar com inteligência artificial em tempo real. (**O inovador Chatgpt-** VJ-A-03/03/2023)

5' O ChatGPT é uma plataforma baseada em linguagem natural **e** permite aos usuários conversar com inteligência artificial em tempo real.

5'' O ChatGPT é uma plataforma baseada em linguagem natural; **por isso** permite aos usuários conversar com inteligência artificial em tempo real.

Em 5' e 5'', optamos pela reformulação das orações coordenadas que podem acumular a nuance de resultado. Dessa forma, a inteligência artificial ter sido desenvolvida a partir de linguagem que busca se aproximar da comunicação humana é a causa de serem possíveis conversas em tempo real, o efeito antes representado por oração adjetiva restritiva. Outra interpretação possível para a ocorrência em questão é entender a oração adjetiva como um efeito desejado, nesse caso, uma finalidade do antecedente. Assim: O ChatGPT é uma plataforma baseada em linguagem natural *para permitir aos usuários conversar*

com inteligência artificial em tempo real. Admitimos que existe uma proximidade semântica entre os valores de finalidade e consequência e algumas ocorrências podem acumular as duas nuances.

(6) Aconteceu de novo. Na última terça-feira, 15, todos os estados do País vivenciaram momentos de falta de energia por causa de um apagão **que** só não deixou todos no escuro por ter acontecido no início da tarde daquele dia. (**O apagão politizado** - IE- R- 17/08/2023)

6' Aconteceu de novo. Na última terça-feira, 15, todos os estados do país vivenciaram momentos de falta de energia por causa de um apagão **de modo que** (*ele/o apagão*) só não deixou todos no escuro por ter acontecido no início da tarde daquele dia.

A adjetiva em (6) tem caráter restritivo e foi substituída por uma adverbial consecutiva. O texto do qual essa ocorrência foi extraída versa sobre as quedas de energia ocorridas em diversas regiões do país. Uma particularidade dessa adjetiva é que não se pressupõe dela um efeito ocorrido em decorrência da principal, mas um efeito que poderia ter acontecido, já que o apagão seria generalizado se tivesse acontecido em outro horário.

Cabe ressaltar que o sentido admitido nessas orações está inteiramente ligado ao contexto em que se inserem. Assim, o entendimento de que se tem o valor consecutivo pode sofrer influência dos elementos que estão ao entorno da oração restritiva; seu antecedente, por exemplo, é parte de um adjunto adverbial causal (por causa de um apagão) e a oração que se segue (por ter acontecido[...]) também tem sentido de causa. É preciso lembrar que causa e consequência são matizes relacionados e isso pode colaborar para a inferência feita com a combinação acima. Atentemos para a reformulação de (7):

(7) Vai aí um desafio. Em especial, na educação. Ele foi formulado por Fareed Zakaria, dizendo que as universidades deveriam abandonar sua “desastrada incursão na política” e reconstruir suas “reputações como centros de pesquisa e aprendizagem”. A sugestão é ótima, mas faço um adendo: universidades são feitas de pessoas adultas, **que sabem se virar sozinhas. (O Natal cancelado- IE- A - 15/12/2023)**

7’ [...] A sugestão é ótima, mas faço um adendo: universidades são feitas de pessoas adultas **e (essas pessoas) sabem se virar sozinhas.**

A oração adjetiva em (7) é explicativa e foi parafraseada sob a forma de coordenada aditiva (7’), pois, reiteramos que as coordenadas também podem construir sentidos diversos, neste caso de resultado. Nesse contexto, comparam-se escolas e universidades por serem destinadas a públicos diferentes. Dessa maneira, no período em questão, entendemos que saber se virar sozinho é característica básica e decorrente da idade adulta.

Circunstância de contraste

Os fragmentos de (8) a (10) ilustram situações em que as informações se contrapõem, o que demonstraremos a partir da transformação das adjetivas em adverbiais concessivas, que é o modo como se manifestam sob a forma de oração adverbial. Comparem-se as estruturas base e sua paráfrase:

(8) Se a pergunta fosse “Você considera admissível pregar o genocídio contra mulheres, transexuais ou pessoas negras na universidade?”, é difícil imaginar que a reitora (ou qualquer pessoa razoável) fizesse a relativização. A conclusão é a de que o anti-

semitismo seria menos “problemático” do que outras formas de ódio e preconceito. E aí chegamos a um limite **que** *jamais deveria ser cruzado*. (O Natal cancelado- VJ- A- 15/12/2023)

8’ [...]E aí chegamos a um limite **embora** *ele jamais devesse ser cruzado*.

(9) Se um engenheiro erra no cálculo de uma viga de concreto, o edifício desmorona, e ele será processado. Vale o mesmo para um médico-cirurgião. Nada disso se passa com os intelectuais, chamados a falar sobre infinitos assuntos, **sobre os quais entendem muito pouco** (*a economia é o caso mais óbvio*), ou sobre os quais costumam ter ideias preconcebidas. (A traição dos intelectuais? - VJ- A- 10/02/2024)

9” Nada disso se passa com os intelectuais, chamados a falar sobre infinitos assuntos **embora** *entendam muito pouco* (*a economia é o caso mais óbvio*), ou costumem ter ideias preconcebidas.

(10) A Bósnia submergiu em um banho de sangue. A Rússia retomou um czarismo despótico e brutal. O terrorismo de extremistas árabes se espalhou pelo mundo, a islamofobia cresceu. A Guerra do Iraque criou o Estado Islâmico. A Primavera Árabe, **que prometia a democratização**, criou novas ditaduras. (O fim da história? - VJ - A- 15/12/2023)

10’ A Primavera Árabe, **apesar de ter prometido a democratização**, criou novas ditaduras.

As paráfrases apresentadas revelam que o fato expresso pela oração adverbial não é empecilho suficiente para que o que é dito na principal aconteça, o que caracteriza a noção de contraste concessivo. Assim, em 8’, não deveria se dar importância diferencial a um tipo de discriminação e negligenciar outro, mas isso aconteceu. Em 9’, o fato de não se conhecer um assunto seria motivo para que alguém não fosse convidado

para abordá-lo, todavia o texto argumenta que ocorre o oposto. Já em 10', expõem-se a situação vivenciada por países árabes, em que ocorreram entre 2010 e 2013 protestos contrários aos regimes totalitaristas (Primavera Árabe) que, conforme o texto, deu origem a novas ditaduras.

Circunstância de condição

Com sentido de condição, trazemos para análise apenas um exemplar de oração adjetiva restritiva, devido à baixa ocorrência de estruturas denotadoras dessa nuance:

(11) “Esse filme nós já assistimos e sabemos quem morre no final: o homem negro e pobre **que** porta 10 gramas de maconha vai ser considerado traficante e enviado para a prisão. Já o homem branco, de bairro nobre, com 100 gramas da droga, será considerado usuário e liberado. **(Criminalizar é a solução?** IE - R - 22/03/2024)

Uma versão derivada com o emprego do *se*, marca típica desse valor, resulta em:

11' [...] **Se** o homem negro e pobre porta ou portar 10 gramas de maconha, vai ser considerado traficante e enviado para a prisão. Já o homem branco, de bairro nobre, com 100 gramas da droga, será considerado usuário e liberado.

A ocorrência em foco é parte de um texto acerca da quantidade de entorpecentes necessária para se considerar crime de tráfico. Diante disso, é possível estabelecer a relação de condição hipotética entre a oração adjetiva e a cláusula em que se encaixa, de modo que a hipótese ou condição inicial (ser um homem negro e pobre e estar com 10

gramas de maconha) resulta na consequência de ser considerado traficante e levado à prisão.

Circunstância de finalidade

As ocorrências de (12) a (13) representam casos de adjetivas restritivas, que admitem alternância com estruturas adverbiais introduzidas pela preposição *para* seguida de *verbo* no infinitivo, transformando-se em adverbiais finais. Vejamos:

(12) A origem do ChatGPT se deve ao projeto OpenAI, uma empresa de inteligência artificial fundada por Elon Musk e Sam Altman, com o objetivo de desenvolver tecnologias *que possam melhorar a vida humana*. (O inovador CHATGPT - VJ- A- 03/03/2023)

12' A origem do ChatGPT se deve ao projeto OpenAI, uma empresa de inteligência artificial fundada por Elon Musk e Sam Altman, *com o objetivo* de desenvolver tecnologias ***para melhorar a vida humana***.

(13) Mas o fato é que o presidente deveria calar-se um pouco nas manifestações públicas sobre inflação e juros, deixando a equipe econômica de Fernando Haddad trabalhar para encontrar soluções *que destrinchem o nó inflacionário, que dá sinais que não vai ceder*. (Furdúncio no BC- VJ- A- 10/02/2023)

13' Mas o fato é que o presidente deveria calar-se um pouco nas manifestações públicas sobre inflação e juros, deixando a equipe econômica de Fernando Haddad trabalhar *para encontrar soluções para destrinchar o nó inflacionário, que dá sinais que não vai ceder*.

(14) “É importante investir em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias *que possam melhorar a resiliência do setor frente*

aos desafios climáticos e garantir a segurança alimentar para a população”, declara (economista Felipe Serigati). (Mudança climática tem impacto no prato - IE- R- 22/03/2024)

14’ “É importante investir em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias **para melhorar** a resiliência do setor frente aos desafios climáticos e garantir a segurança alimentar para a população”, declara (economista Felipe Serigati).

O sentido de fim assemelha-se a consequência por também se tratar de um resultado ou efeito, porém intencional. Sendo assim, sinalizamos nos períodos as orações transpostas a adverbiais finais e algumas expressões que podem contribuir para a inferência de sentido. Em 12’, infere-se o propósito de desenvolver a tecnologia é melhorar a vida. Em 13’, Haddad procura soluções no intuito de desfazer o nó inflacionário; a ideia de finalidade nessa ocorrência possivelmente é intensificada devido à oração originariamente adjetiva estar dentro de uma oração final (para encontrar soluções...), de modo que o sentido da adverbial pode reverberar sobre a adjetiva. Em 14’, a própria oração principal se investe de uma intencionalidade, com vistas a um efeito que se quer provocar – o de melhorar a resiliência e garantir segurança alimentar.

Feitas essas explicações, apresentamos uma tabela com a quantificação dos valores circunstanciais expressos por orações restritivas e explicativas de acordo com o gênero:

Tabela 1- Valores circunstanciais das orações adjetivas por gênero

	Artigo	Reportagem	Artigo	Reportagem	
	Restritivas		Explicativas		Total
Causa	7	7	12	6	32
Consequência	7	8	3	4	22
Finalidade	4	3	-	-	7
Contraste	3	-	3	-	6
Condição	-	1	-	-	1
Total	21	19	18	10	68

Fonte: elaboração própria (2024)

Os dados mostram que o valor com mais ocorrências na amostra foi o de *causa*, confirmando o posicionamento dos autores de que essa nuance das adjetivas é o mais gramaticalizado. Em artigos de opinião, principalmente por meio das orações explicativas, essa circunstância é sobressalente, fato que pode ser motivado pela necessidade de convencimento, característica de um texto argumentativo.

Em ordem decrescente, os valores mais expressivos são os de *consequência* e *finalidade*, seguindo-se os valores de *contraste*, com apenas 6 ocorrências, e o de *condição*, com 1 ocorrência. Enquanto o matiz de consequência teve ocorrência similar quanto às estruturas e aos gêneros. Por outro lado, a finalidade se expressou apenas em orações restritivas. Sobre esses dois tipos de circunstâncias, é importante pontuar que, conforme Azeredo (2021), são valores relacionados, estando a diferença no traço de intencionalidade – se a oração com matiz final traz a marca de intencionalidade, a com matiz de consequência pura não. Com base nisso, ao categorizar esses modelos oracionais, tínhamos ciência da flutuação semântica e de que, dependendo do contexto, um sentido pode perpassar o outro.

O uso de orações, sejam restritivas ou explicativas, com sentidos adicionais, se mostrou mais propenso no artigo de opinião, somando 39 ocorrências. Certamente, porque o texto de teor argumentativo requer do articulista argumentos sólidos e convincentes, aspecto que demanda que se introduzam causas, consequências, finalidades, contrastes e condições. Assim, em uma análise geral, notamos que as adjetivas contribuem para estabelecer relações lógicas e argumentativas no texto; logo, para a construção da coerência nos dois gêneros.

Considerações finais

Interessamo-nos, nesta pesquisa, por esclarecer o *continuum* de integração oracional, com atenção direcionada mais especificamente para a noção de hipotaxe, ancorados na teoria funcionalista. Podemos verificar que no grupo das adjetivas, há estruturas com diferentes graus de integração: as restritivas se caracterizam como subordinadas, por seu vínculo sintático mais forte com a matriz, enquanto as explicativas, como hipotáticas, por seu vínculo sintático mais frouxo.

A contribuição dessas orações para a construção do sentido de dois gêneros – o artigo de opinião e a reportagem é visível. A análise dos dados demonstrou que as orações adjetivas acumulam valores circunstanciais, que se acrescentam à restrição e a explicação. São várias as nuances de sentido: de causa, consequência, finalidade, concessão e condição, isso colabora para o entendimento de que essa categoria não é discreta. O valor contextual de causa foi o mais representativo no *corpus*, principalmente em adjetivas explicativas, traço que pode ser provocado pela proximidade semântica entre causa e explicação. Em relação ao gênero, as orações com valores adicionais se sobressaíram no artigo de opinião; isso pode ser motivado pelo teor persuasivo do

texto, que exige do articulista que a adição desses matizes para fortalecer seus argumentos.

No que refere à prioridade de um padrão estrutural nos gêneros e a motivação dos usos, constatamos que a adjetiva restritiva é a mais utilizada tanto na trama descritiva quanto na argumentativa, fato que comprova ser esse o modelo gramatical da estrutura. Em relação à estrutura explicativa, houve a preferência por esse uso na reportagem. Consideramos que, sendo ela a construção de motivação mais pragmática do que gramatical, a narrativa de natureza informacional desse gênero pressiona o uso dessas informações de fundo, uma vez que enriquecem o texto tornando-o mais claro e informativo.

Em síntese, destacamos as especificidades sintáticas e semântico-discursivas das orações subordinadas adjetivas à luz da Linguística Funcional, ao considerar a maleabilidade da estrutura e sua acomodação às demandas dos gêneros discursivos. Acreditamos que as discussões aqui apresentadas podem servir de base para futuras pesquisas que aprofundem outros aspectos dessas estruturas ou ampliem a análise a diferentes gêneros, para que se possam estabelecer generalizações mais precisas.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 5ed. São Paulo: Parábola, 2021.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 39ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. In: *VEREDAS – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p. 9-27, jan./dez. 2004.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2022.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lindley F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Uma abordagem Funcionalista da Hipotaxe Adverbial em Português. In: Série Encontros. *Descrição do Português: abordagens funcionalistas*. ano XVI, nº1. Araraquara: Unesp, 1999.

DUARTE, Inês. Aspectos linguísticos da organização textual. In: MIRA MATEUS, Maria H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 157-174.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-48

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra Annear. Transitivity in Grammar and Discourse. In: *Language*, v. 56, n. 2, 1980.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: University Cambridge Press, 1993.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. São Paulo: FGV, 2010.

KORTMANN, Bernd. *Adverbial Subordination: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin-New York, Mouton de Gruyter, 1997.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise linguística*. São Paulo: Ática, 2002.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 11-20.

MATEUS, Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1983.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra. The structure of discourse and 'subordination'. In: J. HAIMAN; S. THOMPSON (eds.), *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/ Philadelphia, J. Benjamins, p. 275-329, 1988.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramaticalização e a organização dos enunciados. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte. v 5. n. 9, p.13-22, 2º sem. 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. 2ed. São Paulo: UNESP, 2011.

OITICICA, José. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1952.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Orações adjetivas: uma abordagem funcional. In: PASSEGGI, Luís Álvaro Sgadari; OLIVEIRA, Maria do

Socorro (Orgs.). *Linguística e Educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001, p. 77-90.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa: curso médio*. 49ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2011.

Recebido em: 21/04/2025

Aprovado em: 23/08/2025



Licenciado por